

Eirunepé, 10 de janeiro de 1985.

CEDI - P. I. B.
DATA 12 09 86
COD. 24815

Ao Sr.

Presidente da FUNAI

Dr. Nelson Marabuto Domingues

Brasília - DF

Prezado Senhor,

Eu Rubens Monteiro de Souza, membro da pastoral indigenista da Prelazia Acre-Purus, venho desenvolvendo um trabalho de educação e saúde junto ao grupo Culina do Igarapé Preto, afluente do Juruá, há dois anos, por meio de viagens percorro as demais aldeias nesta bacia para o conhecimento da situação, na tentativa de orientá-los e na superação das divergências internas existentes, que resultam na grande dispersão deste povo num raio de dois mil quilômetros. Anteriormente desenvolvia o mesmo trabalho junto aos Culina do Alto Purus por um ano.

Fui solicitado pela FUNAI, que aqui esteve para o encaminhamento das questões ocorridas recentemente neste município, a acompanhá-los no contato com os silvícolas e para o fornecimento de informações.

Eu Walter Sass trabalhei com os Culina do Alto Purus junto com agentes da pastoral indigenista da Prelazia Acre-Purus desde abril de 1984 e estou iniciando um trabalho de acompanhamento dos Culina da bacia do Alto Juruá junto ao Sr. Rubens Monteiro de Souza.

Encaminhamos neste ofício o relato da transferência dos índios Culina do Ig. Soldado para o rio Eiru, ambos afluentes da margem direita do rio Juruá nas proximidades de Eirunepé (vide

croqui de localização em anexo), complementando o descritivo dos últimos acontecimentos neste município, num documento de 30 de dezembro de 84, encaminhado a FUNAI-Brasília, com cópias para 1ª e 8ª Delegacias Regionais. Em segunda instância relato e considerações das transferências dos Culina nesta região.

No dia trinta e um de dezembro os funcionários da 1ª Delegacia Regional - Sr. Pedro Coelho, Sr. Francisco Culina, encaminharam-se de canoa ao Ig. Soldado, para a efetivação da transferência daqueles índios à aldeia do Sabóia no rio Eiru. Naquele igarapé havia uma população de vinte e quatro pessoas, sendo que uma família de seis pessoas encontrava-se no baixo Juruá visitando familiares. O líder é o Sr. Severo Olegário da Silva Culina. Os demais trinta e oito índios haviam vindo do Sabóia, onde havia ficado uma família com seis pessoas, para desmanchar um roçado e fazer farinha. Roçado que haviam deixado quando da migração para o rio Eiru. O líder destes últimos é o Sr. Severino Olegário da Silva Culina. Sendo assim a população que encontrava-se no Ig. Soldado somava 62 pessoas. A transferência nos termos em que foi colocada aos líderes Srs. Severo e Severino pelos funcionários da FUNAI e pelo Delegado da Polícia Sg^{to}. Augusto César Alves da Cunha, evidenciou a urgência em que se fazia necessária, baseada no desenrolar dos últimos acontecimentos (vide doc. de 30/dez./84 já citado) e da proximidade da aldeia do Ig. Soldado à cidade.

O caráter de urgência e impositivo foi acatado ou poderia ser tomado como livre iniciativa. Isto porque o líder Sr. Severino, ter em mente as promessas recebidas anteriormente quando da sua migração para a aldeia do Sabóia na expectativa de ter uma área reconhecida pelo órgão Tutor e pela decorrente aquisição de objetos. E seria concretizado na medida que reunisse os índios nesta região. Desta forma este tem procedido na tentativa de reunir os Culina no rio Eiru. Quando da sua estadia junto a FUNAI-Brasília, no intento de reivindicar suas terras, declarou a presença de 3.500 índios Culina como consta na introdução do relatório de viagem do GT-portariã nº 1511/E-Área Indígena Culina do rio Eiru. No seu retorno da Capital Federal migrou com seus familiares para o Sabóia.

Posteriormente, durante os momentos da transferência o Sr. Severo, relatou que o seu grupo por indução, abandonara suas estradas de seringa, madeira derrubada por serrar suas casas e um roçado.

O deslocamento destes foi realizado, como foi dito anteriormente com o acompanhamento de dois funcionários da FUNAI desde o Ig. Soldado até as proximidades da foz do rio Eiru por meio de canoas, quando dois barcos providenciados pelo Delegado da Polícia prosseguiram o transporte. Neste momento acompanharam os índios o Sr. Francisco Culina, funcionário da 1ª Delegacia Regional e eu Rubens Monteiro de Souza. O Sr. Pedro Coelho retornou a Eirunepé, com a finalidade de deslocar-se para a Ajudância de Atalaia do Norte onde estava locado, enquanto o indigenista (1ª Delegacia Regional) Sr. Aldo Souza Monteiro permanecia na cidade quando retornaria no dia quatro de janeiro próximo.

Num dos barcos seguiram a "turma do Severino" e no outro a "turma do Severo" como estes mesmos se referem apesar de serem irmãos. O fato é que viviam em locais separados dentro do Ig. Soldado, cada qual com seus familiares: filhos, genros e noras. A viagem prosseguiu rio acima por dois dias e meio com paradas em duas aldeias abaixo do Sabóia. No Sabóia após momentos de chegada de acertos e conversas os efetivamente transferidos - "turma do Severo", ficaram de fixar-se em outro ponto acima daquele local para iniciar a construção de suas casas, abertura das estradas de seringa e prevendo a volta ao Ig. Soldado num tempo de três meses para fazer farinha do roçado deles que havia ficado.

Neste ano não poderiam derrubar e plantar pois é período das chuvas. E também neste período seriam prejudicados na produção de borracha para a comercialização pelo mesmo motivo. Retornei juntamente com o Sr. Francisco a Eirunepé dia cinco de janeiro quando Sr. Aldo havia seguido para Manaus.

As consequências desta transferência será o agravamento do relacionamento dos índios com os seringueiros e a empresa seringalista, que já era tenso. Sentem-se respaldados pela FUNAI e pela Delegacia Municipal em relação a presença deles na área, e tem expectativas de apoio em forma de objetos e mercadorias. A farinha que atualmente possuem (cinquenta e quatro panciros) será suficiente para

três meses, tempo que a roça não estará madura no Sabóia. Neste meio tempo irão retornar ao Ig. Soldado para fazer mais farinha do roçado que ficou e certamente retornarão a cidade para comércio e passeio, uma vez que está havendo escassez de mercadorias nos barracões dada a crise econômica, quando poderá desencadear novos problemas.

Conforme declaração do Sr. Severino, deverão trazer alguma borracha que será encaminhada ao Sr. Delegado da Polícia, de acordo com a predisposição deste, para a venda. Convém salientar que Severo e Severino apesar de serem irmãos em locais separados no Soldado e irão viver em separado, cada qual com sua parentela de filhos, genros, noras e pais destes genros e noras. Geralmente o casamento é preferencialmente realizado com a troca entre irmãos. Isto significa que outros dados deveriam ser levados em conta além da simples transferência para longe da cidade, e nada garante que os que lá forem não irão permanecer.

No soldado apesar dos problemas na cidade havia mais tranquilidade com a população envolvente. Prosseguindo iremos abordar alguns dados do relacionamento entre os Culina, para poder melhor avaliar esta ou qualquer transferência a ser efetivada, as pressões e suas ligações com a conjuntura local.

A pajelança entre os Culina exerce papel de vital importância para o grupo, pois o pajé "dsopinehe" é o médico que cura as doenças, portador do conhecimento do mundo místico-religioso e mantém relações com o sobrenatural, aliviando e criando tensões no campo político-social. Acreditam que o mundo acabará num dilúvio se não existirem mais os "dsopinehe".

A doença sendo um mal externo é introduzida por outra pessoa, o pajé. A transmissão é feita através do "dori", uma espécie de resina de árvore que é introduzida por um pajé através de um ato de magia, por vontade própria ou atendendo o pedido de outro elemento do grupo que deseja vingar-se de um inimigo ou desafeto. Outro o "dori hapodse" um "feitiço" realizado por um outro grupo, responsável pelos surtos e epidemias, quando o pajé queima o veneno e assopra para que o vento carregue para a aldeia visada.

As doenças então são classificadas de três tipos: a do "branco" (gripe, catapora, sarampo...), as da mata "dsamacoma" (diarréia pele,,,) e o "dori", sendo que o sarampo pode ser relacionado com uma epidemia que foi direcionada de uma aldeia para outra, através de um pajé. Desta forma há frequentemente dentro de uma aldeia acusações de feitiço de pajés de outras aldeias e mais incomum da própria aldeia.

Quando o mal resulta na morte, concomitantemente há a promessa de vingança endereçada ao pajé e parentela deste, pela parentela da vítima.

O revidamento desta vingança originarão outras vinganças que se formos buscar o início nos estenderemos pelo passado adentro. Acreditamos no entanto pelo que nos informam os índios do papel do "pajé" no passado, que esta nova situação foi de peso importante na migração acentuada, consequência da maneira e do processo da ocupação na Amazônia, do contato, situação atual e situações de grande concentração destes índios em determinado local por algum fator externo. Vimos então que a morte é atribuída ao "feitiço" ou vinganças relacionadas com outras mortes por "feitiço" ou doenças "do branco" em segunda instância, ou também por acidentes.

A morte de um líder "taminé" ocasiona a dispersão, como ocorreu na grande aldeia Culina do Gregório (SPI - Estação 1930-37) que se desfez totalmente com a morte do "tamine" "Huaidoma", o mesmo ocorreu com a morte do taminé Chico Cidade em Carauari (Juruá) e do "taminé" Mariano (Alto Purus). Existem alguns "tuxauas" com influência e aceitação regionais. Na maioria dos grupos do Juruá a chefia se restringe praticamente no ambiente familiar. Os líder Severino perdeu esta influência de poder de aglutinação e coesão social, pelas cinco mortes cometidas por ele e seu irmão Severo contra seu povo no passado. A relação existente atual é de medo

dos outros para com eles e desejo de vingança. Este foi o motivo da migração dele, irmão e parentela do Ig. Riozinho do Penedo para o Ig. Soldado.

Relacionamos agora, alguns dados da localização dos grupos Culina por ocasião primeira metade deste século. Segundo Eduardo Viveiros de Castro (1978 - Museu Nacional) os "madiha" autodenominação do povo Culina também designariam parentelas localizadas que ao cabo de certo tempo tantos quantos fossem os grupos locais Culina. Afirma ainda segundo as informações colhidas há predominância de alguns "madiha" em determinado local, e que seriam antigamente endógamos e seriam também mais nitidamente circunscritos a locais específicos. Segue alguma relação destes "madiha", que designaremos gens, relacionados com a localização.

a gen da taboca	"Hadu madiha"	rio Tarauacá
a gen do tamboata	"Mutsa madiha"	Ig. Baú
a gen do macaco preto	"Dsoihi madiha"	Rio Juruá
a gen do pataná	"Hawa madiha"	Eirunepé
a gen de espécie de formiga	"Mei madiha"	Rio Eiru
a gen do porco dom.	"Puruçu madiha"	Pacatuba na foz do Envira, Juruá e Purus.

Segundo Rivet e Tastevin (1938) os Culina se subdividem em vários clãs, por isso encontram várias aldeias espalhadas em diversos locais e dá a localização detalhada dos diversos "clãs" (madiha).

gen do macaco prego	"Dsoihi madiha"	cabeceira do Eiru
gen do veado	"Badu madiha"	bacia do Eiru
gen da paca	"Kamanui madiha"	bacia do Eiru
gen do jacu	"Dapu madiha"	bacia do Eiru
gen do cachorro	"Ete madiha"	bacia do Eiru
gen do patana	"hawa madiha"	Ig. Coatá (Gregório)

Em relatório do SPI no Rio Gregório (17 III/1930) o Sr. Alfredo José da Silva encarregado do Posto, documenta (pag. 2 e 6): Atrito entre os Culina do Eiru e do Posto que chegaram ao posto a título de

passeio e raptaram uma índia gerando o alarme daqueles. Também referindo-se a pajelança relata - "Cada tribo tem um ou dois pajés, matam-se por meio de veneno e que este é o terror de todas as tribos... Eduardo B. Viveiros de Castro em relatório de viagem aos Culina do Purus (Museu Nacional - 1978-pg.5) descreve: "Havia certa tensão entre aldeias de Santo Amaro e Maronaua, isto sem prejuízo de estarem profundamente entrelaçadas as parentelas Kulina das duas aldeias, com acusações genéricas de uma aldeia a outra..." "Os Culina de Maronaua acusavam "o pessoal" de Santo Amaro, veladamente de feitiçaria no caso..."

"Por sua vez a morte de um residente de Maronaua (também em fins de 1977 numa epidemia de coqueluche e tuberculose) com vários irmãos em Santo Amaro, estava sendo atribuído aos moradores da primeira. Parecia haver disputa faccional entre o "tuxaua" de Maronaua e outro dois "tuxauas" de Santo Amaro. "Em suma as relações do "tuxaua" de Maronaua com a conjuntura política de Santo Amaro não pareciam boas.

Prosseguindo dados relacionando os conflitos mais recentes entre os grupos localizados - médio Juruá.

a) Morte de dois índios no Igarapé Penedo há aproximadamente sete anos pelos Culina Severino e Severo. Severo sendo pajé sentiu-se ameaçado por ser acusado de "feitiçaria" que ocasionou mortes naquele igarapé. As duas vítimas possuem relações próximas de parentesco entre os índios dos igarapés Penedo, Medonho e Preto. Houve iniciativa de vingança por parte dos parentes dos mortos e os dois irmãos Severino e Severo foram atingidos por arma de fogo e abandonaram aquele igarapé refugiando-se no Ig. Soldado. Apesar das ligações de parentesco destes com algumas famílias daqueles igarapés as relações permanecem conflitantes até hoje.

b) Morte do líder Pantaleão da aldeia Nova Sorte no Ig. Baú por um outro índio Culina da outra aldeia situada acima no mesmo igarapé (Terra Nova). Ocasionalmente da dispersão daquele grupo - familiares do assassino, ameaçados de vingança pelos parentes da vítima do rio Acuraua, afluente do rio Tarauacá. As ameaças atingiram o Igarapé Preto dado o envolvimento da vítima numa questão an

antiga em que esta teria matado o líder Mahini do Igarapé Preto-Mahini. Então os índios deste igarapé foram acusados de endereçarem a vingança que ocasionou a morte da vítima no igarapé Baú.

- c) Morte no passado e agora em 1984 de uma irmã de Severo e Severino onde um pajé do rio Acuraua (Tarauacá) foi acusado de ter usado de feitiçaria e há também acusações recaindo sobre um pajé do Igarapé Cacau (mediações cidade Envira no Tarauacá). As relações são conflituosas entre esses grupos.
- d) Em julho de 84, morte de uma família (mãe, pai e criança) por um índio do Igarapé Porto Rico (proximidades da cidade de Ipixuna). A família vitimada tinha parentesco (mulher era irmã de Severino) e as relações conflitantes envolvem os índios do Ig. Porto Rico que dispersaram para Atalaia do Norte e rio Itaquai, como também os do Igarapé Medonho, com os do rio Eiru.
- e) Na aldeia Piauí localizada na Foz do rio Envira, município de Envira, a morte de um pajé - Sabino Colina - ocasionou a migração da população para o Rio Acuraua e Igarapé Preto. Os motivos foram divergências familiares internas e embriagamento. Este pajé esteve ferido em Eirunepé e foi encaminhado em setembro último para Manaus, sob os cuidados da 1ª Delegacia Regional. A sua morte e o fato de ser pajé trouxe e trará muitas conseqüências naquela região para as diversas aldeias.
- f) Neste ano de 1984 com a morte de um pajé do Igarapé Coatá, que estava em visita no Igarapé Penedo, causada por envenenamento - segundo os índios - as relações que eram estreitas passaram a ser tensas.

Citamos alguns fatos mais recentes e importantes dos conflitos, entre estes diversos grupos localizados, que fazem parte de uma malha de tensões que se formaram no passado e reforçadas por estes acontecimentos mais recentes, repercutem de maneira marcante ao relacionamento inter grupos localizados.

Relatamos em seguida dados de situações recentes de tensão e suas ligações com a conjuntura local:

Está havendo indução para a transferência dos Culina do Ig. Preto, Cacaú e das duas aldeias abaixo do rio Eiru para o Sabóia. O intermediário tem sido o Sr. Severino que cria a expectativa nos outros do fornecimento de mercadorias pela FUNAI e se faz valer disto para ser visto como um tuxaua entre todos os Culina (ver informações relatadas no documento de 30 de dezembro de 84 ao Sr. Presidente, Sr. Diretor do DPI, 1º e 8º Delegacias regionais da FUNAI.)

Os senhores Severino e Severo alegaram que foram orientados pelo Sr. Delegado da Polícia e funcionários da FUNAI que aqui estiveram para convidar os índios dos igarapés Preto e Cacaú a transferirem-se para o rio Eiru. Também como relatam os índios do Ig. Preto o seringalista deste Igarapé Sr. Raimundo Chagás, tem induzido os Srs. Severino e Severo a pressionar os Culina a desocuparem este igarapé. As ligações do Sr. Severino com este seringalista foram-nos relatadas pelo próprio recentemente.

Em julho de 84 conta Severino que estava derrubando madeira na altura do Sabóia para comercializá-la na cidade, quando houve tentativa por parte da empresa seringalista daquele rio de impedi-lo. Subiram até o rio Eiru o Sr. Delegado Municipal e o representante do IBDF local a pedido daquela empresa seringalista para contatar e barrar a iniciativa dos índios. Chegaram policiais armados naquela localidade mas dada a animosidade dos índios permitiram a comercialização da madeira. A madeira foi vendida em Eirunepé ao Sr. Raimundo Chagas, seringalista do Igarapé Preto. Este último pertence a outra facção política oppositora da facção política dos proprietários dos seringais no rio Eiru, que são da família Conrado. Os prefeitos deste município e de Manaus são membros desta família e proprietários dos seringais no Eiru e ocupam posições importantes no cenário político amazonense.

O Sr. Chagas havia concorrido nas últimas eleições para a prefeitura deste município e não foi eleito.

Este mesmo seringalista declarou em reunião realizada na Prefeitura local, perante autoridades, membros da Comunidade, FUNAI e CIMI, que de acordo com a área identificada como Área Indígena nos mapas do Iteram, os Culinas do Igarapé Preto estavam localizados fora desta área o que é uma inverdade.

Em agosto de 1984 houve tentativa, segundo Severino, de arrendamento

para firma madeireira desta cidade de parte daquele rio que foi desfeito por imposição deste índio Culina e que juntamente com seus pertences não iriam permitir a retirada da madeira de sua área.

Comenta-se hoje em Eirunepé que os seringais do rio Eiru estariam sendo negociados com uma empresa madeireira estrangeira.

Em dezembro de 1983 os Culina relatam que insatisfeitos com a falta de mercadorias nos barracões da empresa seringalista e também revoltados com a atitude do gerente do seringal, Sr. Petrônia, irmão do proprietário Sr. Raimundo Chagas, por ele ter se comprometido e engravidado uma mulher Culina, abandonando-a em seguida com sua retirada do Igarapé; desmancharam um dos barracões que ficava logo acima da aldeia. Contam também que anteriormente houve tentativa de matá-lo por ter se envolvido com uma mulher de um dos índios. Com este mesmo gerente houve descontentamento geral e desentendimento por parte dos seringueiros não índios e com a falta de mercadorias nos barracões, Houve esvaziamento do seringal naquele Igarapé ficando abandonado um dos barracões acima de uma das aldeias dos Culina, quando os índios desmantelaram estas instalações.

Em dezembro de 84 três famílias do Igarapé Monguba no Tarauacá, informaram-nos que haviam sido expulsos por seringueiros de suas estradas de seringa naquele igarapé e migraram para o rio Eiru, em uma aldeia abaixo do Sabóia (Peri) próxima das cabeceiras do Igarapé Monguba.

No Igarapé Cacau a titulação de áreas pelos cidadãos a margem de uma estrada que liga a cidade de Envira àquela aldeia, construída pelos próprios índios, poderá gerar estado de apreensão nos índios, quando da efetiva ocupação desta área. Com a quebra do barranco do rio Tarauacá certamente a cidade transportar-se-á em direção à aldeia que está muito próxima.

Outras informações foram encaminhadas a Senhora Olga do DPI com cópia para a 1ª Delegacia Regional (25/06/83) num ofício anexando um quadro da situação do povo Culina na Bacia do rio Juruá.

Finalizamos o presente documento após o equacionamen-

to de alguns dados importantes para demonstrar os riscos em se tentar solucionar situações difíceis entre índios e população envolvente sem um bom conhecimento entre os grupos de diferentes localizações, que poderão agravar os problemas já existentes e ocasionar uma maior dispersão. A tentativa de agrupamento aleatória sem levar em conta questões sócio-culturais poderão levar a um conflito a curto ou médio prazo entre os índios. Também se faz necessário ponderar que a concentração levará fatalmente ao esgotamento das fontes de caça, pesca e coleta.

Perigo maior é o envolvimento de pessoas alheias ao Órgão Tutor em pressionar os índios a transferirem-se de determinada área, poderão nesta atitude repetir os erros do passado, jogando índios contra índios a bem dos interesses próprios.

Acreditamos na necessidade da Urgência de se solucionar estes problemas com um trabalho pela FUNAI de acompanhamento e assessoramento dos diversos grupos indígenas e mais direto e sistemático com os grupos que se localizam mais próximos das cidades, com os quais mais frequentemente tem ocorrido os problemas.

Também a importância do prosseguimento no trabalho que foi iniciado para a demarcação das terras, com as devidas alterações na tentativa de encontrar um ponto que atenda os interesses dos índios e de viabilidade.

Esperamos assim estarmos contribuindo com o Órgão oficial de Proteção aos índios, e nos colocarmos a disposição para informações e auxílios se for o caso.

Atenciosamente

Rubens Monteiro de Souza

Pastoral Indígena do Acre-Purus, Eirunepé-AM

Com cópia:

D.P.I. Brasília

8ª Delegacia Regional

Manaus

Walter Sass

Pastoral Indígena da IECLB

Transcrição da mensagem de Severino Culina para Sr. Aldo de Souza Monteiro da 1ª Delegacia Regional - FUNAI. Gravada na aldeia Sabóia no dia 3 de janeiro de 1985.

Amigo Aldo,

Eu quero que o Senhor ajuda a nossa comunidade, porque a comunidade está precisando de ajuda da FUNAI, porque a FUNAI até hoje que nós chegamos aqui veio um rapaz pra dar uma olhada na nossa área. A FUNAI não passou o ano passado por aqui no Sabóia. Um rapaz passou aqui, foi um rapaz do CIMI, justamente o Rubes, a FUNAI mesmo não passou aqui no Sabóia. Quero que a FUNAI vem até aqui que a comunidade está querendo falar com a FUNAI que vê essa área. Também que nós estamos precisando, é que deu muito problema a área que nós estamos, a área indígena deu problemas com os seringalistas porque os seringalistas prometeram muita coisa, prometeram cartucho, acabar com a comunidade, com os índios aqui e nós aguentamos até um ano, esperamos que a FUNAI prometeu vir aqui. Eu conversando com o Dr. Leal o coronel Leal, então o seguinte ele disse, que nós viesse trabalhar fazendo esta muda prá cá para essa área que nós estamos ocupando. Agora então, nós estamos mudando pra cá fazendo esta muda pra cá, todo mundo, entre nós são 105 pessoas e se mudamos todos pra cá, e agora estamos na área. Agora precisamos uma ajuda da FUNAI, porque sem ter nada aqui a comunidade não ia ficar achando bom, porque não tem nada, pelo menos da mercadoria. A farinha que nós temos aqui dá pra nós comer três meses. Então se acaba essa farinha que nós fazemos cinquenta e quatro paneiro de farinha. Então nós podemos passar um mês sem comer nada aqui. Vai ter roça para comer, aqui tem muita roça plantada, mas não está madura - está verde. Eu quero que a FUNAI olha isso também, porque nós vamos passar um mês sem comer. Isso nós estamos precisando. O auxílio do governo que a comunidade está precisando. E a comunidade precisa também, para o serviço de trabalho: terçado, machado, enxada e medicamentos que a comunidade precisa aqui também. Então, nós esperamos que a FUNAI da essa mão à comunidade, porque nós não tem nada aqui prá nós trabalhar. Então, eu estou querendo que o governo ajuda a comunidade, eu acredito que sim, porque a comunidade está precisando deste material pro trabalho, que não tem aqui na comunidade. Também, como nós trabalhamos muito quando

chegamos aqui, nós temos aqui em casa no Sabóia 28.000 covas de roça plantada, mas não está madura prá nós comer.

O pessoal que vieram até aqui comigo. O Outro do CIMI, é Rubens e o outro rapaz da FUNAI é justamente o meu sobrinho o Chico Culina, que trabalha na FUNAI. Eles estão comigo, vieram fazer o transporte. Foram transportados setenta e dois índios pra cá pra Sabóia. Então estamos tudo bem, graças à Deus, os homens estão aqui, vão voltar hoje. Vieram fazer o serviço, o levantamento. O rapaz fez e vai levar pro amigo Aldo, que está em Eirunepé e amigo Pedro, que está em Eirunepé também. E por esta vez, eu acho que a minha palavra está tudo certo, tudo bem.

Nós estivemos falando em Eirunepé com o Sargento Augusto e com o amigo Aldo e com o amigo Pedro na Delegacia de Eirunepé, sobre a confusão que teve lá em Eirunepé, os brancos com os índios, então os brancos queriam acabar com os índios. Fizeram duas reuniões, uma foi no Clube de Eirunepé e outra foi na Prefeitura Municipal. Então fizeram essa duas reuniões, dizendo eles lá. Todos os seringalista fizeram reunião para no dia quando se acaba o Joãozito, então disseram que acaba com os índios. Então estive junto na reunião todo pessoal da FUNAI por causa desta confusão, branco com os índios. Por que culpado deste nosso amigo Joãozito que fraqueado, não foi ele culpado, Não foi ele, foi outro, por causa de outra pessoa que foi ferido, amigo Joãozinho. O culpado não foi os índios, foi os brancos que foi mexer com os brancos. Então por causa de outros culpados, por causa de outros brancos Joãozito foi faqueado. Amigo Joãozito foi ferido, não foi culpado os índios, foi os brancos, foi bater nos índios com pau e foram os índios dentro de um camarote dentro da loja. Estavam matando o índio enforcado, entou o outro índio chegou, foi com a faca na camarote, na porta da loja, e fizeram o serviço lá com o Joãozito, os índios. Mas foi por causa dos brancos que não deviam ter batido no índio que eles não queriam brigar com os brancos. Mas tudo bem, mas então todo o pessoal da FUNAI chegou, resolveram o problema e ficamos em paz.

Também nós estamos saindo todos do Soldado, estão todos no Sabóia, estamos distante da cidade e estamos todos em paz, graças à Deus; e eles lá também, eu acho, estão todos satisfeito devido os índios todos

sairam do Soldado - saíram duma vez do Igarapé Soldado. O Igarapé Soldado era emprestado, não é nosso. Aqui estamos no Sabóia que aqui posso dizer é nossa área, onde estamos ocupando. Muito obrigado, amigo Aldo que ele fale com Delegado da FUNAI e com o Presidente da FUNAI prá ver isso, porque estamos sem nada aqui. O que tem aqui é só a nossa farinha. Aqui estamos sem nada, como acabo de dizer, tem nada aqui é somente a nossa farinha, o resto da farinha mais nada. Então a comunidade está precisando para um mês, para um mês só.

Jicani

vou dizer meu nome:

É Severino Olegário da Silva Culina.